



PATXÔHÃ, LUTAS E DESAFIOS DURANTE O PROCESSO DE RETOMADA DA LÍNGUA PATAXÓ

PATXÔHÃ: STRUGGLES AND CHALLENGES DURING THE PROCESS OF REVIVING THE PATAXÓ LANGUAGE

Awoy Pataxó

laisatossin@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta o processo de valorização e fortalecimento da identidade do povo Pataxó, através do ensino e aprendizagem da língua *Patxôhã* e das tradições culturais nas escolas e comunidades Pataxó do extremo sul da Bahia. O objetivo é discutir a identidade Pataxó através da revitalização da língua mãe, hoje denominada *Patxôhã*. Discute os processos de valorização da identidade cultural e o fortalecimento dos conhecimentos, costumes e tradições do povo Pataxó que vem sendo desenvolvido através das práticas cotidianas, ensino escolar, eventos culturais das aldeias e roda de conversas entre os parentes. Discutimos ainda a forma como o nosso povo Pataxó foi obrigado a deixar de falar a língua mãe, as causas desse adormecimento e como estamos lutando para retomar a língua *Patxôhã*. Reflete também as estratégias usadas no processo de retomada da língua e consequentemente o fortalecimento da identidade do povo através da Coordenação ATXÔHÃ, grupo de pesquisa independente da língua e história Pataxó. Relata as conquistas e avanços obtidos através de encontros e oficinas para produção de materiais na língua e as estratégias para manutenção da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Pataxó; *Patxôhã*; Língua indígena.

ABSTRACT: This article presents the process of valuing and strengthening the identity of the Pataxó people through the teaching and learning of the *Patxôhã* language and cultural traditions in schools and Pataxó communities in the extreme south of Bahia. The objective is to discuss the Pataxó identity through the revitalization of the mother tongue, today called *Patxôhã*. It discusses the processes of valuing cultural identity and strengthening the knowledge, customs and traditions of the Pataxó people that have been developed through daily practices, school education, cultural events in the villages and conversation circles among relatives. We also discuss how our Pataxó people were forced to stop speaking their mother tongue, the causes of this dormant language and how we are fighting to reclaim the *Patxôhã* language. It also reflects on the strategies used in the process of reclaiming the language and consequently strengthening the identity of the people through the ATXÔHÃ Coordination, an independent research group on the Pataxó language and history. Reports the achievements and advances obtained through meetings and workshops for the production of materials in the language and the strategies for maintaining it.

KEYWORDS: Pataxó; *Patxôhã*; Indigenous languages.

*Iê atxôhã patxôhã me'á iô nuhwây'nuk upâ
napinatô ikhã, upâ napinatô awākã.
Me'á nioniêmã paxumixatê ãpú niamitãg me'á
guakniohã ãpú uãrehã iê ikahó upâ pakhê ãg
ãbakoháy txó hãhãhãy Pataxó.
Awoy Pataxó
(Voltair Alves dos Santos)*



1. Processos de retomada da Língua Pataxó

Atualmente, o povo Pataxó vive em aproximadamente quarenta aldeias espalhadas na região do extremo sul da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. É um povo indígena de língua pertencente à família maxacali, do tronco macro-jê. Fomos um dos primeiros povos a manter contato com os não-indígenas, pois sempre habitamos a região onde os portugueses chegaram, denominada de “costa do descobrimento” – para nós, indígenas, a costa da invasão. Atualmente, o nosso povo se expressa na língua portuguesa, e também na língua *Patxôhã*. No passado, devido ao preconceito, à discriminação e às violências sofridas, nosso povo foi forçado a deixar de falar sua própria língua. Atualmente, o povo Pataxó vem em um processo intenso de retomada e reconstrução da língua Pataxó, o *Patxôhã*. Observamos que os detentores dos conhecimentos da história e cultura do povo Pataxó, a exemplo dos anciãos, estão morrendo, e com isso perde-se muitas informações sobre este povo.

Para tanto, tem-se utilizado de registros e catálogos de vocabulários para que estes conhecimentos não se percam com o tempo. A retomada da língua e a valorização da cultura têm sido importantíssimas para a reconstrução e afirmação da identidade Pataxó, refletindo nos processos de retomada da língua e consequente valorização e fortalecimento da identidade do povo. Os processos de retomada (reconstrução) da língua Pataxó e as ações realizadas são resultados gerados através das pesquisas feitas por professores e pesquisadores Pataxó que compõem a Coordenação ATXÔHÃ¹.

É por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida, é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação, mas ela não é elemento determinante para alguns grupos indígenas hoje, especialmente da região nordeste, pois eles possuem outros valores culturais relevantes e que também os caracterizam. Coelho e Mesquita (2013) afirmam que:

¹ Língua em *Patxôhã*.



Essa tríplice aliança nos acompanha, enquanto seres sociais, desde que nascemos. E, dada a pluralidade que constitui a nós, seres humanos, e à sociedade em geral, e, ainda, aos conhecimentos que são construídos cotidianamente, a cultura, a identidade e a língua se transformam ininterruptamente. (Coelho; Mesquita, 2013, p. 25)

Para refletirmos sobre os motivos pelos quais os Pataxó não falam fluentemente língua materna é importante lembrar e considerar alguns aspectos históricos importantes. Um dos episódios mais marcantes foi o fatídico “fogo de 1951”, um massacre que aconteceu na aldeia Barra Velha em 1951 contra o povo Pataxó. A aldeia Barra Velha é considerada a aldeia mãe, lugar de referência para o Povo Pataxó entre outros povos, e especialmente das famílias Pataxó que mantinham relações e viviam em torno do Monte Pascoal. Foi a partir dela que, após o fogo de 1951, surgiram mais aldeias.

Segundo relatos, dois homens não índios enganaram os Pataxó dizendo ser engenheiros, e que foram enviados pelo SPI (Sistema de Proteção ao Índio), atual FUNAI (Fundação Nacional do Índio), para demarcar as terras Pataxó.

Os dois sujeitos chamaram os homens Pataxó para irem junto com eles até o povoado. Então, com a confiança de que iriam comprar mantimentos para o trabalho os Pataxó aceitaram. Chegando lá, os parentes, não sabendo de nada, foram chegando para perto da venda. De repente um dos forasteiros sacou uma arma contra o dono da venda chamado Teodomiro. Ele, vendo aquilo, pegou uma arma do balcão da venda e acabou atirando. Só que o tiro não acertou no indivíduo armado. A bala acabou acertando na perna de um índio. Então os outros Pataxó vendo aquilo não contaram com mais nada e acabou batendo e amarrando Teodomiro para trazer para Barra Velha. No caminho, o senhor Luiz Ferreira, que na época era pré-adolescente ficou responsável de acompanhar Teodomiro. Vendo a situação daquele homem, Luiz resolveu soltá-lo, pois os demais já estavam distantes, além do mais se Teodomiro chegasse à aldeia vivo os elementos o matariam. Então senhor Luiz soltou o dono da venda que conseguiu acionar através da linha telégrafo, os policiais de Prado dizendo que havia sido saqueado e atacado pelos índios Pataxó e por dois homens brancos. (Braz, 2016, p. 09)



Esses dois indivíduos roubaram a venda do comerciante da vila de Corumbau e a culpa ficou para os indígenas. No dia seguinte, policiais de Prado e Porto Seguro (BA) cercaram a aldeia e já chegaram atirando. Nesse tempo, vários índios tiveram que fugir da aldeia para não serem mortos, e muitos ficaram vários dias escondidos nas matas. Depois de muito tempo alguns foram retornando para aldeia, outros fugiram, e não retornaram mais, com medo. Durante um bom tempo, o povo Pataxó foi perseguido, humilhado e discriminado; o preconceito era muito grande. Esse triste episódio contribuiu para que muitos indígenas negassem sua própria identidade e evitassem usar sua língua materna para continuarem vivos. A língua Pataxó não foi perdida, mas deixou de ser usada pelo povo, diante de tantas opressões sofridas no decorrer dos anos.

O “Fogo de 51” e os conflitos territoriais com os administradores do PNMP resultaram numa dispersão dos Pataxó pelo Extremo Sul da Bahia. Nessa diáspora forçada, alguns grupos indígenas se refugiaram em sítios afastados da aldeia, procurando obter as condições mínimas para sua sobrevivência física e cultural. Às vezes, organizados por meio de troncos familiares, às vezes, misturados com a sociedade regional, esses refúgios acabaram se transformando em ponto de resistência e de ressurgimento do domínio territorial Pataxó. (Inventário cultural Pataxó, p. 39)

Com isso, o povo Pataxó foi aldeado à força, proibido e negado o direito de continuarem falando a língua materna, mas nem tudo foi perdido, mesmo com todos os preconceitos e massacres sofridos, ainda assim, foi possível, com a ajuda resistente dos mais velhos, preservar nas memórias musicais e no uso diário uma quantidade de palavras de grande valor para os Pataxó. Foi essa memória que mais tarde possibilitou aos professores e pesquisadores indígenas retomar e reconstruir a língua e esta foi denominada como *Patxôhã*.

Tempos atrás, na aldeia Barra Velha, alguns parentes já se preocupavam com a cultura, principalmente com a língua. Eram eles: Kanátio, Arawê, José Raimundo, Dona



Chica, Nana, Tururim, Zabelê², Manuel Santana entre outros. Naquela época, todos se reuniam em frente às suas casas para contar histórias e entoar cânticos na língua, bem como para discutir algumas questões culturais. Nessa época, muitos velhos ainda conheciam e mantinham a língua Pataxó, mas era pouco usada no dia a dia, pois o uso do português já era corrente. Por isso, essas pessoas faziam rodas de conversas em frente a suas casas, no intuito de manter a língua viva. Porém, eram atividades isoladas em suas comunidades e eram pouco compartilhadas ou socializadas com as demais aldeias Pataxó.

A pesquisa da língua *Patxôhã* só começou a ganhar força e ser mais divulgada e socializada em 1998 com a criação da Reserva Pataxó da Jaqueira, a comunidade indígena de Coroa Vermelha teve a iniciativa de criar o *Projeto de Afirmação Cultural e Preservação do Meio Ambiente*, objetivando o fortalecimento de vivência dos costumes e tradições Pataxó. Com esse objetivo, formou-se um grupo de pesquisa na aldeia por membros da Associação Pataxó de Ecoturismo, hoje Instituto Pataxó de Etnoturismo e representado pela mesma instituição indígena Pataxó sem fins lucrativos, sediada na aldeia Coroa Vermelha.

Inicialmente, este grupo de pesquisa foi formado por índios Pataxó das aldeias Barra Velha e da aldeia Coroa Vermelha, coordenado por Matalawê Pataxó, professor da escola indígena de Coroa Vermelha, Nayara Pataxó e Katão Pataxó, e depois juntaram-se também os professores José Conceição e Anari Braz, da Aldeia Barra Velha, e depois Awoy, Ajurú, Tawá e outros também começaram a se envolver com a finalidade de levantar e sistematizar os conhecimentos Pataxó nas duas referidas aldeias e nas aldeias adjacentes.

Através do Projeto de documentação da Cultura e Língua Pataxó, os pesquisadores indígenas visitaram várias aldeias Pataxó do Extremo Sul da Bahia e uma em Minas Gerais. O primeiro trabalho de campo foi realizado no ano de 1998, quando foi elaborado um projeto para custear despesas de compra de materiais e passagens. Durante as visitas

² Luciana Teixeira, conhecida como Zabelê, encantou-se (faleceu) – aos 79 anos de idade - em 04 de julho de 2012.



foram gravadas as falas, histórias e cânticos de vários parentes idosos, que ainda guardavam e conservavam em suas memórias o idioma antigo. Além dos registros da memória oral, foi feita pesquisa também de documentos escritos adquiridos através do Museu Nacional do Índio.

O trabalho gerou diversas listas de palavras, catalogadas com seu devido significado, dentre essas palavras observaram que haviam algumas de origem tupi, mas como a língua pataxó é de origem Maxakali, pertencente ao tronco macro-jê, foi decidido trabalhar apenas com as palavras de origem desse tronco, porém foram consideradas apenas algumas do tronco tupi por serem usadas pelos mais velhos por muito tempo. Na pesquisa foram utilizadas gravações como forma de observar a pronúncia mais próxima da correta. Nessa etapa foram catalogadas cerca de 800 palavras de origem Pataxó e palavras introduzidas posteriormente. Em 2000, foi criado um grupo de estudo composto de jovens, adultos e anciãos na aldeia Coroa Vermelha. Nesta época, começamos a desenvolver grupos de pesquisa e reuniões para estudo da língua. A partir daí passamos a nos reunir semanalmente para avaliar o material pesquisado e formular palavras derivadas a partir das palavras que íamos encontrando, o que resultou na criação do nome de batismo conforme arquivo do nosso Grupo de Pesquisa no texto sobre " A Língua Pataxó".

Depois de muito estudo, apesar de não sermos conhecedores de lingüística, porém levados por grande desejo de aprender tudo sobre a nossa língua, passamos a chamar nossa língua de *PATXÔHÃ* para marcar nosso trabalho. Que quer dizer: *Pat* são as iniciais da palavra Pataxó; *atxohã* é língua; *xôhã* é guerreiro. Ou seja, linguagem de guerreiro. (Grupo de Pesquisadores Pataxó, 2004)

No início, o material que íamos pesquisando também servia de base para o ensino da língua Pataxó, o *Patxôhã*, costumes e tradições do Povo Pataxó. Este foi adotado depois de muita luta pela Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha como matéria para o currículo escolar desde 2003, assim sucessivamente pelas demais as aldeias Pataxó.



Antes da pesquisa algumas escolas dispunham de apenas aulas de cultura que eram ministradas por uma pessoa da comunidade, com o intuito de fortalecer a cultura através das músicas, cantos, danças e algumas palavras em Patxôhã.

No caso da aldeia Barra Velha, o ensino da língua na escola teve início desde 1992, numa disciplina específica denominada “Cultura e Língua Pataxó”, sendo o primeiro professor Antônio Arawê que ensinava através de palavras e pequenas frases, cantos, danças e os conhecimentos tradicionais Pataxó, dando prosseguimento com o professor Itajá (José Conceição). Desde essa época, o ensino da língua continuou mantido no currículo da Escola Pataxó de Barra Velha. No entanto, após o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa em 2000, resultante desse novo processo, foram sendo agregadas aos poucos nas aulas no decorrer dos anos e sendo fortalecido o ensino de *Patxôhã*, que mais tarde passou a ser ensinada por outros professores Pataxó. Hoje, como disciplina de *Patxôhã* os professores das comunidades não perderam de foco pelo ensino da língua aliado aos conhecimentos tradicionais, que é fundamental para fortalecimento do *Patxôhã* e da cultura Pataxó.

Somente a partir de 2003 as aulas de Cultura passaram ser denominadas de *Patxôhã*, com a finalidade de ensino da língua-mãe, porém os demais professores das diversas disciplinas também têm a responsabilidade de utilizar os aspectos culturais da aldeia, tendo em vista que são professores indígenas e como tal, possuem total empoderamento sobre as questões relacionadas à cultura e tradição do povo Pataxó.

2. Coordenação ATXÔHÃ

Depois de muitos encontros e oficinas para a discussão e análise da língua, em novembro de 2009 através de um encontro realizado na cidade de Salvador, com a participação de representantes de algumas aldeias Pataxó, criamos a Coordenação de Pesquisa da Língua e História Pataxó que denominamos ATXOHÃ, para darmos continuidade nos trabalhos da equipe de pesquisa já existente desde 1998.



Figura 01: Professores Awoy e Ajurú – Escola Indígena de Coroa Vermelha, 2015. Acervo do ATXÔHÃ.

Nesse encontro ficou decidido que os professores Awoy e Ajurú ficariam como coordenadores gerais do grupo ATXÔHÃ e dariam continuidade aos trabalhos de pesquisas. A partir das discussões todos os professores passaram efetivamente a fazer parte do ATXÔHÃ como professores pesquisadores na Coordenação, designados por área e aldeia, são conhecidos como coordenadores gerais e coordenadores de áreas, cujo objetivo é orientar outros professores de *Patxôhã* na sua prática pedagógica e sua linha de pesquisa interna nas aldeias onde moram. A Coordenação ATXÔHÃ conta com professores pesquisadores Pataxó das aldeias dos municípios de Prado, Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro e outros no estado de Minas Gerais.

A coordenação ATXÔHÃ é uma iniciativa autônoma dos professores pesquisadores Pataxó, reorganizada para dar continuidade aos trabalhos de pesquisa, articular as atividades como os encontros, reuniões, encontros e oficinas com os professores para acompanhar os trabalhos dos professores de *Patxôhã* nas aldeias. A ATXÔHÃ é composta por uma coordenação geral e por coordenadores de área, que são pesquisadores Pataxó que articulam atividades nas comunidades e passam para a coordenação geral (Bomfim, 2012, p. 88).

Um processo de revitalização ou retomada da língua não se dá somente no espaço escolar, mas no caso do nosso povo Pataxó, essa instituição foi uma importante aliada. Coroa Vermelha, além de ser a maior aldeia Pataxó em termos demográficos, vivencia cotidianamente as implicações do contato com os não-índios, também se particulariza por ser pioneira em ações de pesquisas, revitalização e valorização da cultura Pataxó, consolidando a existência da *Coordenação de Pesquisa da Língua, Cultura e História Pataxó – ATXÔHÃ*, que foi formada há mais de quinze anos.

A Coordenação ATXÔHÃ, apesar de já existir há mais de quinze anos, não é uma instituição formalizada e registrada. Existem algumas dificuldades em realizar constantemente encontros e oficinas para discutir assuntos relacionados à língua. Os encontros que realizamos são feitos com a ajuda e apoio das instituições como secretaria de educação dos municípios, escolas e comunidade. O ATXÔHÃ é uma organização própria de professores e pesquisadores Pataxó afim de pesquisar, sistematizar e socializar as pesquisas e estudo feitos sobre a língua, história, cultura e tradição do povo Pataxó.



Figura 02: Reunião ATXÔHÃ em Salvador, 2009. Acervo do ATXÔHÃ



Todos os professores de *Patxôhã* fazem parte da coordenação de áreas contribuindo com a coordenação geral no processo de pesquisas em suas comunidades. Sempre que encontram alguma dificuldade solicitam ajuda da coordenação geral. Os Coordenadores-Gerais são: Awoy e Ajurú. É papel da Coordenação-Geral:

- Orientar os professores de *Patxôhã* na sua prática de ensino;
- Acompanhar, reunir e orientar os coordenadores de área;
- Realizar encontros pedagógicos para professores de *Patxôhã*;
- Dar continuidade no processo de pesquisa da língua Pataxó;
- Realizar encontros de professores e pesquisadores Pataxó.

2.1 A língua *Patxôhã* nas escolas e comunidades Pataxó

Enfrentamos um grande desafio a fim de promover uma melhor qualidade do ensino e aprendizagem do *Patxôhã*, na escola e comunidade. Por isso é grande o empenho do ATXÔHÃ juntamente com as escolas indígenas em desenvolver ações efetivas para a melhoria do ensino de *Patxôhã* como forma de valorização da cultura Pataxó.

Uma das formas de fortalecimento da identidade e da língua *Patxôhã* nas comunidades e nas escolas Pataxó foi através dos cânticos, músicas ou pelo próprio nome indígena que cada membro da comunidade recebe. As pessoas também costumam falar o *Patxôhã* durante a venda do artesanato, principalmente, os indígenas que trabalham com o turismo na venda de artesanatos.

A língua está sempre em construção, o indivíduo não nasce com uma língua pronta ele vai adquirindo e aperfeiçoado aos poucos de acordo com que ele vai se inserindo no mundo e na sociedade (comunidade) envolvente. Assim também ele vai construindo a sua identidade de acordo com a convivência cultural a qual ele está inserido. (Coelho; Mesquita, 2013).

De acordo com Coelho e Mesquita (2013) a língua está sempre em processo de construção e reconstrução, ou seja, ela não é estática. Por conta disso, estamos trabalhando com o ensino e aprendizado da língua *Patxôhã* em todas as comunidades e escola das aldeias Pataxó da Bahia, com o intuito de começarmos a fazer um trabalho de reaprendizado de nossa língua. Atualmente todas as escolas e aldeias Pataxó do extremo sul da Bahia ensinam o *Patxôhã* que é tão importante quanto qualquer outra matéria, como, matemática e geografia. O aprendizado começa no Ensino Infantil, para crianças de quatro anos, e se estende até os jovens do 3º ano do Ensino Médio.



Figura 03: Atividade cultural na Escola Indígena de Coroa Vermelha , 2014. Acervo ATXÔHÃ.

Bem antes, dona Zabelê³ já se preocupava com o ensino da língua para as crianças pois, ela já sabia já dizia que as crianças são futuro da comunidade e é através da língua que podemos nos fortalecer culturalmente. Em uma conversa informal com o professor

3 Luciana Teixeira, conhecida como Zabelê, encantou-se (faleceu) – aos 79 anos de idade - em 04 de julho de 2012.



Away, ela afirmou que: “*para mim, eu acho importante as crianças tá aprendendo a língua porque um dia eu vou me embora e eles ficam*”. Através dessa fala podemos perceber a preocupação que dona Zabelê tinha em manter a língua e a cultura Pataxó sempre vivas.

Hoje, nas escolas indígenas, também estudam alguns alunos não índios. São crianças, filhos de não índios, que moram há muito tempo na aldeia, ou são parentes de índios que são casados com não índios. Há também, alunos filhos de índios desaldeados, ou seja, índios que saíram há muito tempo da aldeia em busca de melhores condições de vidas, e hoje estão retornando. Com alguns desses alunos, é preciso trabalhar sua identidade étnica, a valorização cultural e o orgulho de ser índio devido ao preconceito sofrido pela sociedade envolvente.

Na escola indígena, a língua predominante ainda é a língua Portuguesa, mas nem por isso a língua *Patxôhã* deixa de ser importante. Os professores são os próprios indígenas que se envolveram com a pesquisa, e outros que buscaram conhecer o idioma e foram capacitados para ensiná-lo. Os professores de *Patxôhã* da escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha vêm desenvolvendo atividades (estudo) da língua Pataxó com os professores e demais indígenas da comunidade a fim de fortalecer a língua *Patxôhã*.

3. Lutas e conquistas na manutenção da língua Pataxó

Atualmente mais de trezentos povos indígenas habitam o território brasileiro, cujas diversidades linguísticas se diferenciam da língua oficial nacional, sendo aproximadamente 274 línguas indígenas distintas (Baniwa, 2014, p. 25). A partir deste dado pode-se notar a diversidade de culturas e costumes existentes no país. Infelizmente, nem sempre essas tão ricas diferenças culturais são respeitadas. Culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores, mas estão sempre em eterna construção, reelaboração, criação e desenvolvimento.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialectológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 15 • Número 44 • Dez 2025

Dossiê: Arquivos de Cultura e Línguas Indígenas

 <http://dx.doi.org/10.61389/5j17bb60>

A coordenação ATXÔHÃ vem desenvolvendo atividades principalmente no fortalecimento do uso tanto oral quanto escrito da língua Pataxó, principalmente, no contexto escolar, através dos professores e pesquisadores para elaboração e publicação de materiais diversos na língua Pataxó. Destacamos as coisas boas que conseguimos com nosso trabalho de pesquisa:

Elaboração de um vocabulário que inicialmente não passava de 200 palavras que eram conhecidas pela grande maioria de nossa população, para atualmente, depois de critérios rigorosos criados por nós, temos um vocabulário com mais 2.500 palavras. Além disto, passamos a pensar uma maneira de como organizar a linguagem falada e escrita no nosso dia-a-dia. Foi assim que foi possível começar a ensinar na escola, o que aprendemos (Grupo de Pesquisa Pataxó 2004).

Depois de muita luta, tivemos uma das mais importantes conquistas que foi a implantação do *Patxôhã* como disciplina na escola indígena Coroa Vermelha sucessivamente as demais comunidades pataxó também começam a ensinar a língua *Patxôhã* nas escolas.



Figuras 04 e 05: Professores indígenas estudando *Patôxhã* / Encontro de professores pesquisadores da língua *Patxôhã* na Aldeia Barra Velha, 2015. Acervo ATXÔHÃ

A coordenação ATXÔHÃ vem trabalhando neste sentido, ou seja, o de fortalecer a língua Pataxó, desenvolvendo a funcionalidade da língua falada e escrita e as habilidades orais e escritas dos alunos e jovens em sua própria língua. Para tanto, diversas atividades são realizadas; dentre as várias conquistas e avanços que tivemos em relação à língua e à cultura Pataxó, podemos destacar algumas que foram bastante relevantes para o povo Pataxó:

- a) Oficinas de linguística que trabalham os conhecimentos da gramática Pataxó com os professores Pataxó, visando fortalecer a língua no contexto escolar;
- b) Realização de vários encontros e oficinas de cultura na aldeia Coroa Vermelha para discutir e definir critérios na utilização de pinturas, adereços, músicas, danças e outros;



- c) De 2004 a 2005, oficinas de músicas em *Patxôhã* e publicação do CD: *Ixihu Xôhã Suniatá'irá iõp Pahâtê*;
- d) Em 2007, realização do 1º Encontro de Professores Pesquisadores Pataxó da História, Cultura e Língua Pataxó; Bahia e Minas Gerais. Também em 2007, o trabalho de pesquisa sobre a língua foi premiado como importante iniciativa cultural indígena com o Prêmio Incentivo Cultura Indígena, da Fundação Estadual de Cultura / Secretaria de Cultura do Estado da Bahia;
- e) Em 2011, o 2º Encontro de Professores Pesquisadores Pataxó da História, Cultura e Língua Pataxó; Bahia e Minas Gerais, na aldeia Retirinho, Carmésia MG. Em seguida, foram realizados outros encontros no decorrer dos anos em outros locais e entre as comunidades para trocas de experiências e fortalecimento do ensino de *Patxôhã* nas comunidades;
- f) Em 2011, foi publicada a primeira monografia de autoria Pataxó sobre a língua *Patxôhã*, desenvolvida por mim (Awoy Pataxó), durante o curso de formação em Magistério Indígena, trazendo uma reflexão sobre o ensino de *Patxôhã* na Escola de Coroa Vermelha;
- g) Em 2012, tivemos a primeira dissertação de mestrado intitulada *Patxôhã "Língua de Guerreiro"*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó, desenvolvida por uma Pataxó, também membro do Grupo de Pesquisadores ATXÔHÃ (Anari Braz Bomfim), do curso de Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. O que contribuiu para a visibilidade e o reconhecimento do nosso trabalho no espaço acadêmico, trazendo um novo olhar e inquietações sobre o modo de pensar a língua e a viabilidade de iniciativas locais de retomadas e políticas linguísticas protagonizadas pelos próprios indígenas, dentro dos estudos de línguas indígenas brasileiras;
- h) Em seguida, outros trabalhos de conclusão de autoria Pataxó voltados sobre o *Patxôhã*, também foram desenvolvidos durante as licenciaturas interculturais, sendo produzidos por professores de *Patxôhã* e pesquisadores Pataxó, que trazem reflexão sobre



a prática cotidiana do ensino da língua nas escolas Pataxó. Assim como este defendido por mim no ano de 2018, outros seguem em andamento;

i) Em 2015, foi realizada a oficina para produção de livro didático voltado ao ensino de *Patxôhã* nas escolas Pataxó, na aldeia Pé do Monte coordenado pela Coordenação ATXÔHÃ e professores de *Patxôhã* com o apoio da Escola Pé do Monte, da Secretaria Municipal e da Secretaria Estadual;

j) Entre 2016 e 2018, oficinas de formação continuada para professores de *Patxôhã*, parceria entre a Coordenação ATXÔHÃ e a Universidade Federal do Sul da Bahia, através do projeto de extensão "*Arte, História e Língua Maxakali-Pataxó*" Edital Proext/SESU/MEC, 2016. Contou com apoio de vários parceiros como a FUNAI, Secretarias de Educação Municipais e Estaduais, Escolas Pataxó, Museu do Índio, Itáú Cultural. O que resultou na publicação do livro de *Patxôhã* produzido em 2015 e na criação dos coletivos de cinema por jovens Pataxó e na produção de filmes;

k) Em 2019, foi feito o lançamento do livro de *Patxôhã* sob o título *Tarakwatê're iô Patxôhã: areneá, abwá ãg amix*, em algumas comunidades Pataxó dos municípios de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro e Prado, e distribuído para todas escolas Pataxó Bahia e Minas Gerais. Nesse mesmo ano, os filmes de autoria Pataxó que foram produzidos nas oficinas de formação (2016-2018), foram exibidos em algumas comunidades, universidades e em festivais.

Outro dado importante é que as crianças indígenas são registradas já com os nomes indígenas, coisa que antes não era tão comum, devido ao preconceito. Podemos constatar esse dado claramente nas escolas, nas turmas iniciais da educação infantil da escola indígena, várias crianças estão registradas com o nome indígena. As crianças indígenas que nasceram no ano de 2002 em diante, a maioria foi registrada com o nome em *Patxôhã*. Isso muito nos anima, pois percebemos que os pais estão valorizando cada vez mais a língua *Patxôhã*.

Atualmente há cerca de 40 professores Pataxó ensinando a língua *Patxôhã* nas aldeias da Bahia e Minas Gerais, inclusive entre os Pataxó Hãhãhãe no município de Pau



Brasil-Ba. O envolvimento de toda comunidade é um desafio para o grupo de pesquisadores, mas percebe-se que o trabalho dos professores de *Patxôhã* nas aldeias aos poucos tem ganhado força e obtido resultados positivos na escola e na comunidade.

O *Patxôhã* também vem se fortalecendo em outros espaços na comunidade, como nas atividades culturais, ou seja, nas músicas que antes eram quase todas cantadas em Português e hoje são cantadas em *Patxôhã*, nas conversas principalmente entre os jovens, nessa dinâmica as pessoas aprendem, usando até, mesmo nos bate papo do *Facebook*, *Whatsapp* etc. Outro fator relevante, é a escolha dos nomes indígenas em muitas crianças, os pais passaram a registrar seus filhos com nomes indígenas valorizando a língua Pataxó.

Conclusão

Nesse trabalho, relatamos sobre a importância dos processos de retomada da língua, da valorização e afirmação da cultura e identidade Pataxó através do ensino e aprendizado língua *Patxôhã* na escola e comunidade Pataxó. Compartilhamos também os desafios para voltar a falar o *Patxôhã* não somente nas escolas, mas também nas comunidades, pois sabemos que não é fácil retomar e reaprender uma língua. Sabemos também que não é impossível. Portanto, relato também as lutas que tivemos e ainda temos, mas também as conquistas que já obtivemos através das pesquisas e sucessivamente com o ensino da língua tanto nas escolas quanto nas comunidades, seja através dos cânticos ou em rodas de conversas nas comunidades.

No início, nos reuníamos na casa de Matalawê para analisar, discutirmos e reaprender a língua *Patxôhã*. Nós tínhamos um sonho e acreditávamos que, em vinte anos, metade do nosso povo estariam falando *Patxôhã*, ou como diziam os mais velhos “cortando na língua”. Nosso trabalho já completou os vinte anos e, mesmo não tendo metade do povo falando *Patxôhã*, acreditamos que tivemos um avanço bastante relevante. Pois essa já é uma realidade nas comunidades Pataxó.



Por isso, acredito que o registro desse trabalho é de suma importância para o futuro de nosso povo e para manutenção da nossa língua e para que possamos dar continuidade à nossa luta sem esquecer o nosso passado e nossos antepassados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATXÔHÃ. **Inventário Cultural Pataxó**: tradições do povo Pataxó do extremo sul da Bahia. Bahia: ATXÔHÃ / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

BANIWA, Gersem. **Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena**. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3593/SIDL_%2017-31.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: mar. 2018.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxôhã, língua de guerreiro**: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BRAZ, Uilding Cristiano. **O ensino de língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha**. 2016. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CÉSAR, América. Algumas questões a propósito de línguas e construção de identidades étnicas. **Estudos Linguísticos**, v. 35, p. 52-59, 2006.

COELHO, Lidianne Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. ISSN 2179-3948 (online).

CUNHA, Rodrigo Bastos. Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 143-159, 2008.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os ‘Índios do Descobrimento’**: tradição e turismo. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 1999.

GRUPO DE PESQUISA PATAXÓ. **A língua Pataxó**. Coroa Vermelha, 2004.

MAIA, Marcus. **A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngue**. Rio de Janeiro: UFRJ/CNPq. [s.d.].

Recebido em: 20/07/2025 | Aprovado em: 02/08/2025

Publicado em: 05/09/2026
